



Entrevista

ENTREVISTA COM IVONE GEBARA

Entrevista concedida por e-mail para Sabrina Senger*

Ivone Gebara é freira católica, teóloga feminista e filósofa. Apresenta em sua história de vida uma trajetória importante na produção e reflexão sobre hermenêuticas feministas, Teologia Feminista Latino-americana e Teologia Ecofeminista. De antemão, agradecemos muito por essa entrevista e pelo retorno sempre tão gentil.

1. Ivone, em que momento da sua vida você se deparou com a ideia do ecofeminismo?

Na década de 1980 e mesmo antes eu tinha muito contato com o grupo Conspirando de Santiago do Chile. Através delas conheci muita literatura e documentários sobre a 'História do Universo' a partir da teoria do Big Bang. Ao mesmo tempo me interessei muito pela ação dos ativistas ecológicos e percebia a conexão entre eles e o feminismo que estava dando seus primeiros passos em mim. Num primeiro momento me afirmava como feminista, depois fui me afirmando como ecofeminista numa perspectiva mais ou menos independente porque temia os essencialismos que algumas posições evocavam. O ecofeminismo une as lutas feministas com as ecológicas e isso é importante no mundo de hoje.

2. Tua trajetória apresentando uma perspectiva ecofeminista para a produção teológica feminista é uma referência e inspiração concreta, são mais de duas décadas desde a primeira edição do livro "Teologia Ecofeminista". Ao teu ver, as produções teológicas ecofeministas têm obtido a força necessária para inspirar nossas relações umas com as outras e com a natureza?

Creio que não. A Teologia ecofeminista tem uma produção muito reduzida no Brasil e no conjunto da América Latina. Muito impulso no passado nos veio do Chile, porém agora menos. Há um esfacelamento grande de muitos grupos ativistas que antes eram financiados por agências

* Sabrina Senger é mestra em Teologia e bacharela em Teologia pela Faculdades EST. É assistente de pesquisa no Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. E-mail: binasenger@hotmail.com



norte-americanas e europeias e conseguiram manter uma produção e ação bastante intensa. O financiamento quase não existe mais e as novas gerações de ativistas estão mais interessadas em outras questões mais sociais e políticas do que em repensar a teologia. Isto porque as igrejas dão menos espaço à mudança de suas tradições patriarcais do que a sociedade civil.

3. Quais elementos nutrem uma espiritualidade ecofeminista?

Primeiro há que entender o que queremos dizer quando falamos de espiritualidade. Espiritualidade não é seguir um modelo de vida, nem fórmulas e nem mesmo a Bíblia ao pé da letra. É estar atenta ao curso da vida e nela direcionar-se para valores em vista do bem comum. Há valores que herdamos do passado, mas há sempre que situá-los no presente. As formas do passado nem sempre servem ao presente. Nessa linha posso dizer que a perspectiva ecofeminista apreende à interconexão entre a diversidade do que existe, convida a olhar sempre de novo a vida de cada dia, a acentuar a dimensão ética inclusiva da tradição cristã, a celebrar a vida de hoje com as novidades que nos traz.

4. Se você fosse fazer uma revisão no teu processo de amadurecimento epistemológico sobre Teologia Ecofeminista, algo seria diferente?

Cada tempo é um tempo. O presente é uma continuidade em relação ao passado, mas não é repetição do passado. Por isso não corrijo o passado, sigo as visões que o presente tem me apresentado e vou tentando ficar atenta à novidade que vai surgindo.

5. Em termos gerais, as mulheres sustentam as comunidades de fé com seu trabalho e compromisso comunitário, porém ocupam menos cargos de poder e liderança. Ao teu ver, uma mudança paradigmática nas relações de poder, no sentido de serem mais justas na perspectiva de gênero, impactaria também a forma como nos relacionamos enquanto sociedade com biomas e ecossistemas?

Qualquer melhora nas relações humanas afeta o conjunto da vida. O importante é entendermos que nós humanos e especialmente os humanos masculinos não podem reduzir os biomas e as mulheres e as diferentes etnias à maneira branca, ocidental e masculina de ver e explorar o mundo.

As mulheres de fato sustentam as comunidades de fé, porém nem sempre de forma autônoma e livre. Na maioria das vezes reproduzem o modelo patriarcal. Não basta ser mulher para ser feminista ou ecofeminista. Esses processos de mudança são lentos e variados. Comportam um enfrentamento pessoal consigo mesma para rever nossas crenças e nossas reais possibilidades de mudança.



6. Recentemente o desmatamento florestal e as queimadas aumentaram consideravelmente, em boa medida para favorecer o modelo de produção do agronegócio, dizimando povos e comunidades tradicionais e exterminando diversas espécies de fauna e flora. Na tua opinião, de que forma podemos combater essa irresponsabilidade social e ambiental, amparadas por uma Teologia Ecofeminista?

Uma teologia ecofeminista tenta sair do antropocentrismo e do androcentrismo. Reinterpreta muitas afirmações da teologia tradicional de forma inclusiva. Por exemplo vida e morte, ressurreição, salvação numa perspectiva inclusiva, isto é que inclui todas as formas de vida como interdependentes. Além disso sai das palavras de ordem das hierarquias para pisar o solo da vida cotidiana com seus inevitáveis tropeços.

7. Como teóloga ecofeminista, que movimentos proféticos você entende que são necessários diante do cenário político brasileiro atual? E quais considera que já estão sendo feitos?

Ninguém encomenda a profecia, ninguém fabrica movimentos proféticos. A vida vai mostrando atitudes de pessoas, acontecimentos que destoam da ordem de exploração estabelecida. Nesse sentido as lutas antirracistas, os feminismos, as lutas por moradia digna, a despoluição de mananciais e tantos outros movimentos indicam que há vozes que se rebelam contra a destruição que estamos fazendo. E esta rebelião é benéfica para o planeta.

8. Qual teu sentimento sobre as novas redes e movimentos de mulheres religiosas que tem se organizado e ocupado os espaços de debate político em relação aos direitos das mulheres, identidades de gênero e diversidade sexual?

Acho que todas as vozes religiosas ou não que defendem o direito à diversidade e a necessidade de uma ética coordenada da diversidade são bem-vindos. A diversidade sempre existiu. Agora busca direitos e respeito público para além da ordem estabelecida. Porém a diversidade e seus direitos implicam também em responsabilidades sociais mais amplas dos mesmos grupos e de cada pessoa individualmente. O que posso de fato fazer para que a terra seja um lugar onde todas/os caibam dignamente?

9. Estamos vivendo um tempo difícil com a pandemia do Covid-19. Você acredita que a produção teológica ecofeminista pode contribuir com as comunidades, especialmente com as mulheres, que vêm administrando dores, medos e crises em relação a suas necessidades básicas?

Mais do que a produção teológica o *'sentir o mundo de forma interdependente'* e responsabilizar-se por nosso chão e nosso tempo são passos práticos fundamentais. As teologias



são formulações teóricas que podem ajudar, porém sem uma prática amorosa serão apenas palavras sem efeito algum.

10. Quais sonhos e esperanças você carrega nesse momento?

A cada dia somos convidadas a apostar na vida dos seres humanos, a ajudar a bem viver, a dar as mãos, a apoiar-nos mutuamente. Tenho receio de pensar coisas grandiosas e coloca-las como esperanças a serem alcançadas. A vida de cada dia é maior do que nossas teorias sobre a esperança ou nossas ideias. Mas sempre esperamos o melhor apesar dos quadros de guerra em que vivemos. Aspiramos a paz, a sororidade, a fraternidade, a convivência respeitosa na comunidade da Terra com a diversidade de seus habitantes. Nos humanos aspiramos o amor apesar de todos os pesares.

Agradecimentos

Ivone, nós agradecemos toda a tua colaboração e produção na teologia feminista e ecofeminista na América Latina e, sem dúvida, tuas palavras nos fortalecem.

[Recebido em: setembro de 2020 /
Aceito em: setembro de 2020]